

AS COMUNIDADES NEGRAS NOS JORNAIS DO SÉCULO XX DA CIDADE DE PELOTAS: UMA ARQUEOLOGIA DOCUMENTAL DAS PRÁTICAS COTIDIANAS

ADARA GUIMARÃES DE SOUZA¹; LOUISE PRADO ALFONSO²

¹Universidade Federal de Pelotas – adara.hta@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho está inserido no Projeto de Pesquisa Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas, do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR), junto ao Departamento de Antropologia e Arqueologia (DAA) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Trata-se de uma pesquisa de arqueologia documental acerca dos jornais pelotenses do século XX que tem por objetivo realizar um mapeamento da presença negra na cidade, para compreender em que lugares estas comunidades negras circulavam, concebendo Pelotas como um território negro. A arqueologia documental que está sendo realizada, segundo as considerações de RODRIGUES (2015, p. 23) a partir de BEAUDRY (1988a) e BEAUDRY, et al., (2007), parte da ideia de que o próprio documento (neste caso, o jornal) é a base arqueológica, que permite as mais diversas abordagens, dependendo do objetivo, das questões levantadas e dos problemas propostos pelo arqueólogo e pela arqueóloga.

Nesse sentido, a proposta é trazer a reflexão sobre arqueologia e territorialidades, atentando para os lugares de religiosidade e de festas, bem como os locais onde as comunidades negras habitavam e por onde transitavam. Estes lugares estão sendo entendidos como espaços de manifestação de resistências cotidianas, a partir de CERTEAU (1994). Os aspectos teóricos e metodológicos da arqueologia histórica, de acordo com Gehno; Machado (2013) nos permitem compreender a materialidade do cotidiano, gerando uma problematização entre saberes, pois o cotidiano somente será compreendido se houver a relação dos sistemas históricos que contribuam para explicar o funcionamento da civilização material e de seu contexto de estabelecimento, o qual é indissociável do estudo do capitalismo (GEHNO; MACHADO, p. 161, 2013).

Cabe ressaltar que, no campo social do Brasil, temos vivido momentos de grandes manifestações, na luta por direitos, uma das premissas básicas destas manifestações tem sido o debate sobre o lugar de fala das comunidades negras. Segundo Gonzales (1984), fomos educados à associar a imagem do negro e da negra a pessoas perigosas, malandras e que só sabem fazer coisas erradas. Hoje, temos isso em nossas mentes porque possuímos o resultado desta carga histórica. Ela explica isso, através da análise dos trabalhos que os (as) escravizados (as) realizavam, segundo a autora, as especializações laborais geraram adjetivos pejorativos usados até hoje.

Tomando como local de estudos a cidade de Pelotas notamos que às comunidades negras está reservada viver nas periferias da cidade, em processos de invisibilização. Muitos grupos vivem em constante ameaça de remoções. Destacamos que Pelotas tem o maior número de habitantes negros do estado do

Rio Grande do Sul, número relacionado ao passado de escravidão. Segundo Rodrigues (2015) a partir das considerações de Arriada (1994), entre 1811 e 1872 o número de moradores de Pelotas passou de 2.119 para 21.258 devido ao aumento da população escravizada. Em 61 anos o número de habitantes aumenta muito rápido, podemos inferir que pelotas era uma cidade negra e um dos lugares onde encontramos a presença de escravos e escravas o Passo dos Negros pode se apresentar como exemplo interessante para pensarmos sobre as comunidades negras ao longo do tempo na cidade. Antigamente porto importante para taxaço de mercadorias, como coloca Alfonso e Rieth (2016), o Passo dos Negros teve sua significância, por ele ocorriam embarque e desembarque de pessoas escravizadas, passagem de gado, abrigou várias charqueadas e um dos maiores engenhos da América do Sul, durante o ciclo do arroz (p.7, 2016). Hoje é residido por diversos grupos (Alfonso & Rieth, 2016), pessoas que estão há muitas ou poucas gerações no local e possuem posse de terra, também ocupações de indivíduos que não possuem a propriedade das terras, embora muitos vivam ali há décadas. Recentemente, os (as) moradores (as) são obrigados (as) a conviver com condomínios de luxo que avançam para os territórios dessas comunidades. Dito isso, é importante pensar a cidade como um espaço heterogêneo e pulsante, em constante mudança, resultado da passagem de seus /suas moradores (as) e de projetos diversos de cidade.

Como Agier (2015), pretendo entender a cidade de Pelotas pelo movimento das comunidades negras ao longo do tempo (AGIER, p. 484, 2015), e nesse movimento encontramos contextos de desigualdades, espaços vazios e espaços habitados. Para tanto, é interessante pensar a cidade de Pelotas a partir da localização das festas, dos eventos, onde as pessoas negras aparecem nos anúncios do século XX. Onde elas estavam? Fazer um mapeamento de onde elas circulavam, pensar assim a cidade a partir desse mapeamento – cidade como um território negro. É importante ressaltar que há uma invisibilidade das comunidades negras no processo da seleção do patrimônio da cidade de Pelotas, de acordo com Alfonso e Rieth (2016), por isso esta pesquisa se faz importante. A cidade é construída por quem habita no seu cotidiano, se identificarmos os elementos do cotidiano da cidade vão aparecer festas, brigas, prisões. Entender como as comunidades negras eram enxergadas por meio dos (as) leitores (as) dos jornais daquele período é extremamente importante, inclusive, para entendermos o contexto atual.

2. METODOLOGIA

A metodologia é pautada na análise de jornais como materialidade, seguindo a abordagem da arqueologia documental de Rodrigues (2015) de acordo com as ideias de Beaudry (2007) pois as fontes documentais nos permitem realizar reconstruções do contexto em estudo. também, em um mapeamento das práticas cotidianas das comunidades negras no passado e no presente, a partir do estabelecimento de diálogos com estas comunidades pela realização de etnografias.

Parto do princípio de que o jornal no século XIX servia como um dos principais meios de comunicação onde, por meio deles, ideias eram difundidas e histórias eram contadas. Baseio-me nos jornais da cidade de Pelotas que circulavam no ano de 1900 até 1915. Através desse recorte cronológico, posso compreender as mudanças de discursos acerca das comunidades negras que

estavam em Pelotas. Logo, trabalharei com o jornal O Rebate e Opinião pública. Cada jornal mencionado possuía suas ideologias, seja conservadora ou abolicionista.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados preliminares das pesquisas feitas nos jornais pelos estudantes do curso de Arqueologia da FURG, nossos parceiros nas pesquisas dos antigos jornais, Diego de Hungria e Newan Souza, mostram como os negros e as negras, através de suas manifestações religiosas, estavam presentes em Pelotas, então concebida pelos moradores da cidade no século XX.

Abaixo alguns exemplos dos trechos em jornais que interessam à esta pesquisa. Sobre batuques e sambas – práticas proibidas naquele período:

Notas do dia: Moradores da rua General Argollo, quadra entre general Osório e Marechal Deodoro, se queixam e, com razão, dos batuques e sambas que ali se sucedem quotidianamente...” (A Opinião Pública – ano V – 1900, 23 de janeiro de 1900).

Sobre o cotidiano:

Ontem, às 10 horas da noite, o individuo Luiz Barbosa, de cor preta entrou na Bodega de Antonio Fernandes, á rua Tiradentes e mandou vir um pouco da “branquinha”. Quando esta começou a fazer efeito, Barbosa entrou a fazer desordem, querendo meter o pau torto e a direito, em duas mulheres que estavam no local. Comparecendo os guardas 14, 35 e 28 do 1º posto deram voz de prisão ao desordeiro. Este resistiu. Os guardas arrancaram dos chanfалhos e espancaram Barbosa, barbaramente, levando-o assim até o 1º posto, onde meteram-no no xadrez. O infeliz preso clamava socorro, pois estava sendo por demais castigado. Hoje, foi removido para a Bastilha da Lomba.” Mais uma beleza da “heróica” municipal (O Rebate, 05 de fevereiro de 1915, N° 150, P.3).

Na enfermaria Vieira Pimenta, da Santa Casa, *veiu a fallecer, ante-hontem*, o preto José Antunes, maior de 25 *annos* de idade, solteiro e que fora ultimamente atingido por uma punhalada no fígado, desferida por José Menino, em uma casa de taboagem á rua Tiradentes. O dr. Garcia atestou como “causa mortis” septicemia aguda. O registro da Santa Casa acusa: ferimento penetrante no fígado (O Rebate 16 de janeiro de 1915, N° 133, P. 2).

Encontramos escravos e escravas nos anúncios dos jornais que nos permitem pensar a respeito de sua circulação e cotidiano na cidade. Através dos jornais, conseguimos compreender aspectos socioculturais da comunidade

escravista do século XIX. Aspectos relativos à cor, sexo, idade e adjetivações podem ser trabalhados a partir dos anúncios (RODRIGUES, p. 127, 2015). E é por meio destes anúncios que observo como o negro e da negra construíram a cidade no século XIX.

4. CONCLUSÕES

Hoje, comunidades negras continuam às margens da nossa sociedade, excluídos de privilégios. Há uma desvalorização de sua memória e narrativas, de suas representações simbólicas, de sua cultura. Faz-se importante reconhecer o lugar de fala das comunidades negras e a arqueologia pode auxiliar a trazer as narrativas destas comunidades do passado a partir da materialidade e vivências cotidianas. Precisamos deixar que essas pessoas nos contem suas vivências, desafios, formas de resistência e de habitar a cidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGIER, M. - **Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro**. MANA 21(3): 483-498, 2015.
- ALFONSO, L; RIETH, F. **Narrativas de Pelotas e Pelotas Antiga: a cidade enquanto Bem Cultural**, 2016.
- GEHNO, D.; MACHADO, N.– **Arqueologia histórica- abordagens**. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 58, p. 161-183, jan./jun. 2013. Editora UFPR.
- GONZALES, L. – **Racismo e sexismo na cultura Brasileira**, Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.
- RODRIGUES, M. - **“A vida é um jogo para quem tem ancas”: uma arqueologia documental sobre mulheres escravas domésticas em Pelotas/RS no século XIX**. 2015.